

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

HORA LEGAL

As duas horas de hoje, os relógios foram adiantados sessenta minutos, estabelecendo-se assim a hora de verão.

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO, II — N.º 95 — Domingo, 3 de Abril de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## AS CÂMARAS E A IMPRENSA

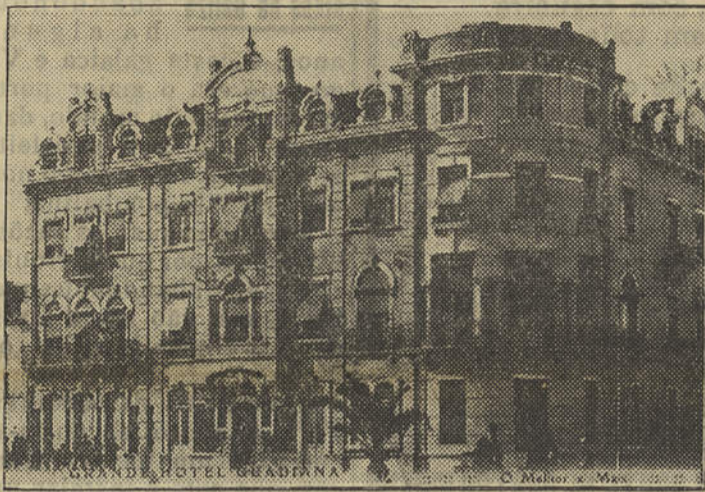
HÁ dias, numa das Câmaras Municipais do norte do País, um senhor vereador, ponderando que a acção daqueles órgãos administrativos não deve passar despercebida do público e que este necessita de ser informado e elucidado sobre a administração da sua terra, apresentou a seguinte proposta, que mereceu, aliás, aprovação unânime: «Considerando ser vantajosa a todos os títulos uma colaboração estreita com a imprensa, com o fim de orientar o público e dar relevo às iniciativas da Câmara; considerando que a acção deste corpo administrativo não pode ser prejudicada por qualquer mau funcionamento dos serviços municipais; proponho que das propostas escritas, apresentadas nas reuniões públicas, ordinárias e extraordinárias, sejam tiradas cópias, em número suficiente para serem distribuídas pelos jornais que normalmente incluem nas suas colunas o extracto das respectivas reuniões, logo após a sua realização; e que de todo o expediente submetido à apreciação da Câmara seja dado um resumo-nota à mesma imprensa».

Não podemos deixar de aplaudir a proposta deste senhor vereador do norte, lastimando que pelas Câmaras do nosso distrito não se levantem também vozes semelhantes, que bem carecidos delas andamos. Das treze autarquias aqui existentes, apenas a de Setúbal, e mesmo assim com notória irregularidade, nos

fornece cópia da acta das suas sessões. Que se passa nas outras? Insondável mistério.

E, no entanto, há deliberações que interessaria trazer a público, decisões que o público teria o direito de conhecer, sem demora, despachos ansiosamente esperados, e às vezes de longe, cuja publicação se importa. De uma estreita colaboração entre os serviços camarários e o jornal, resultaria para ambos o cumprimento

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



Fachada do Hotel Guadiana, um dos melhores edifícios da Avenida da República.

## UM HOMEM QUE SE CHAMOU MANUEL RAMIREZ



Manuel Ramirez

CRUEL, em criança, o hábito de ler, de ler sófregamente, de dia ou de noite, em casa ou na rua. Talvez por esta circunstância, mais tarde fui atraído para a inglória profissão de escrever.

O facto de ler muito deu ensejo a um percalço, ocorrido há mais de trinta anos, e que nunca esqueci. Uma tarde, dirigia-me ao correio pela Rua da Princesa, que gozava da minha preferência, porque, pouco frequentada, oferecia a garantia de evitar encontros que me interrompessem a leitura deambulatória. Estava então a contas com os «Dois anos de férias», de Júlio Verne, que me absorviam a atenção, a ponto de não desviar os olhos do livro, desde que saía do escritório, até pôr pé na estação do correio. Ia eu, pois, encantado na aliciança leitura, quando, de repente, embati com umas tábuas atravessadas na rua. Olhei e fiquei surpreso. Uma rua vedada! Quis saber a razão de tão atentória medida impeditiva da livre circulação na rua pública. E

explicaram-me: está gravemente doente o sr. Manuel Ramirez e, a conselho médico, foi vedada a rua, para que o ruído dos carros não agrave a sua perigosíssima doença. Estão a aplicar-lhe balões de oxigénio!

Isto é: considerava-se tão preciosa a vida daquele nosso saudoso conterrâneo, que uma população inteira concordou em não circular por uma das suas ruas porque assim ajudaria a sua-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## REUNIÃO INTERNACIONAL PARA TRATAR DA DRAGAGEM DA BARRA

NA passada quinta-feira, dia 31 de Março, efectuou-se em Faro uma reunião das autoridades portuguesas e espanholas, para estudarem e decidirem os problemas relacionados com a dragagem da barra do Guadiana, entre os dois países peninsulares.

Assistiram a esta reunião, da parte do país vizinho, os srs. D. Ricardo Benito Pereira, comandante de Marinha do Porto de Huelva; D. Juan António Alvarez Cañedo, engenheiro-chefe das obras do mesmo porto; D. Cristóbal Prieto, chefe das Obras Públicas, e D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, cônsul de Espanha em Faro. A comissão portuguesa compunha-se dos srs. eng. Carlos Abecasis, director dos Serviços

Marítimos das Obras Públicas; comandante José Emílio Henriques de Brito, capitão do porto de Vila Real de Santo António; eng. Custódio Rosado Pereira, director da J. A. P. S. A., e dr. Guilherme Leandro, director da Circunscrição Mineira do Sul (Ministério da Economia).

## À VOLTA DA EDUCAÇÃO de adultos

Por ZUZARTE DE MENDONÇA FILHO

ILUSTRE Subsecretário de Estado da Educação Nacional continua a desenvolver, como se sabe, invulgares energias no sentido de uma completa solução do grave problema do analfabetismo. Ora em Beja ou no Algarve, ora no Norte ou nas Beiras, ou em Lisboa, o sr. dr. Veiga de Macedo — fica-lhe o nome indissolúvelmente ligado ao êxito da bela e oportuníssima campanha empreendida pelo Governo — marca sempre uma posição, esclarece, convence, adquire novas e fortes simpatias.

Apesar de certo comodismo — diremos, até, má-vontade — por parte de alguns elementos que têm ao seu serviço adultos iletrados, mormente nos meios rurais, caminha já para 200.000 o número das pessoas beneficiadas com a patriótica medida do Plano da Educação Popular. Até Dezembro do ano findo, 125.063 aprovações, no Continente e Ilhas, cabendo aos distritos de Lisboa e Porto, respectivamente, 22.656 e 23.964. Estão agora a decorrer os exames para adultos do período extraordinário do final da 2.ª época lectiva e espera-se que dentro em pouco cerca de 25.000 adolescentes sejam admitidos a exame de 3.ª e 4.ª classes.

Há, por vezes, a impressão — aliás erradíssima — que a educação dos aglomerados rurais prejudica de algum modo os trabalhos ou a vida do campo, dado o

sas velhas, em ruínas e sem comodidades, isto porque não encontram outras em melhores condições, mesmo mais caras. As raríssimas que aparecem para alugar são por preços elevados,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Uma história banal

Uma criança morreu. Uma menina de quinze meses. Ninguém a acompanhá-la. A mãe... coitada!, a mãe não tinha abrigado certo (os jornais, francamente, usam umas expressões...) Alguém apiedou-se, comprou umas flores e desfolhou-as nos três palmos de terra fresca. Foi a primeira vez que a menina teve flores. Então, aconteceu uma coisa surpreendente: um golpe de vento arrastou as pétalas desfolhadas. Ah, eu entendo o vento. Entendo. Queria ele dizer na sua: Tenham remorsos, sim. Mas lembrem-se das crianças que ainda estão vivas. Dai, a essas, as vossas flores. Chocolates. Livros. Brinquedos. Agasalho. E tudo isso embrulhado numa pratinha de amor.

### Primeiros dias de primavera

O verdinho novo das árvores. As árvores da minha rua, com os ramos pintados de fresco. Balançando-se suavemente à brisa do mar. Rapariguinhas coquetas, as árvores da minha rua.

### Está certo?

O que verdadeiramente dá força à ideia da paz é este facto extraordinariamente simples: enquanto a guerra é negócio de alguns, a paz é negócio de todos.

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

## A CULTURA da uva de mesa

### E OS BENEFÍCIOS QUE PODEM OBTER-SE COM A SUA MAIOR EXPANSÃO NO ALGARVE

Por interessar, muito especialmente, à nossa província, onde os serviços técnicos da Junta Nacional das Frutas têm, insistentemente, recomendado a cultura da uva temporária, para exportação, transcrevemos, com a devida vénia, do Boletim Informativo daquele organismo, o seguinte artigo, que julgamos do maior interesse para os viticultores algarvios.

A UVA é, segundo as estatísticas, um dos frutos de maior consumo, apesar de amadurecer numa época farta, em que abundam os melões, as peras e as maçãs, os pêssegos e outros, próprios da estação.

Portugal, um dos solares tradicionais da videira, é, de há muito, um dos fornecedores dos mercados mundiais, embora ocupe uma posição relativamente modesta.

A Diagalves constitui o grosso da nossa exportação: casta branca, semi-temporária, de fraca resistência ao transporte, devido à finura da película do bago, só logra alcançar cotações razoáveis quando entra nos períodos em

que os mercados estão deficientemente abastecidos. A concorrência com outras variedades mais apreciadas nas épocas de abundância é-lhe fatal, colocando-a logo fora do mercado.

As vinhas de uva de mesa instaladas no País e devidamente organizadas são ainda pouco numerosas, mas as cotações registadas para as variedades *Alphonse, Lavallée e Rosaki*, que não chegam a perfazer, juntas, 10% do total da uva exportada pelos portos nacionais, mostram ao lavrador o interesse que tem em renovar as suas plantações, introduzindo as castas mais apreciadas pelos mercados internacionais. Em parte, esta deficiência de cultivo é a responsável pela posição actual do

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## ARRANJO

### da Praça Marquês de Pombal

A FIM de estudarem a iluminação ajustada à Praça Marquês de Pombal, estiveram nesta vila, a convite do sr. presidente da Câmara, dois técnicos de Lisboa, os quais vão elaborar o respectivo projecto, tendo em consideração a traça pombalina da nossa linda praça. Embora não possa presentemente fazer-se a reestruturação arquitectónica da mesma no seu risco original, procura-se levar a cabo alguns arranjos que a valorizem, como sejam: iluminação adequada à época, substituição do gradeamento do obelisco e colocação, numa das faces deste, do medalhão do Marquês, decalcado no monumento equestre do Terreiro do Paço.

A propósito, merece louvores a Câmara Municipal de Oeiras, à frente da qual se encontra o sr. conde de Rio Maior, descendente do grande Marquês, que inaugurou, há dias, um magnífico edifício de rigorosa traça pombalina, para instalação dos seus Serviços Municipalizados e Biblioteca Municipal. Esta é uma das mais bem instaladas do País.

## JUNTA DE FREGUESIA REFEITÓRIO DE INDIGENTES

SABEMOS que o «Refeitório de Indigentes», a cargo da Junta de Freguesia, passou a distribuir, a partir de 1.º do corrente, 2 refeições diárias e ainda algum dinheiro, ao sábado, aos pobres desta vila e de Monte Gordo, em obediência ao plano previamente estabelecido de repressão da mendicância local.

Não é demais acentuar que se trata de uma iniciativa a todos os títulos louvável, que bem merece ser compreendida e acarinhada pela população e autoridades locais. A todas as pessoas a quem foram enviadas circulares, e que ainda se não pronunciaram, lembra-se o dever que lhes impende de contribuir para o «Refeitório de Indigentes», a fim de que o plano, agora posto em prática em regime experimental, possa tornar-se efectivo, acabando-se de vez com o triste espectáculo da mendicância nas ruas da nossa terra.

Refeições fornecidas durante o mês de Março:

A pobres desta vila.	3.472
A pobres de Monte Gordo	1.488
Total	4.960

Leite distribuído a doentes pobres, 185 litros.

Visado pela Comissão de Censura

## VEÍCULOS AUTOMÓVEIS e motocicletas em circulação NO ALGARVE

O ANO passado, o número de veículos automóveis em circulação no Algarve, era de 1440 de turismo, e 810 comerciais, o que corresponde a 1,9 por cento e 2,4 por cento, respectivamente, da totalidade do País. Têm menos veículos comerciais que o Algarve os distritos de Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Guarda e Portalegre.

O número de motocicletas na nossa província era, no fim do ano passado, de 230; superior, portanto, aos existentes nos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco, Guarda, Bragança, Vila Real e Viana do Castelo.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Deu-nos a honra e o prazer da sua visita, na nossa redacção, o sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, cônsul de Espanha em Faro, o qual se fazia acompanhar pelo chanceler do mesmo consulado, sr. Armando Gonçalves.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila o sr. juiz conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, nosso prezado assinante em Lisboa.

De Tavira, onde está prestando o serviço militar, seguiu para Lisboa, a fim de ser operado, o sr. Ildio Martins Madeira, filho do nosso prezado assinante sr. Gregório Madeira.

Desejamos as suas melhoras.

De visita a seu irmão, gravemente doente, e demais família, esteve nesta vila o sr. Manuel José Morais Rodrigues.

Para as suas unidades, onde vão prestar o serviço militar, seguiram viagem os srs. José Manuel Pereira, Vítor Ruivo, José Afonso Castanheira, José Adelino Canelas, António Aguedo Afonso, Júlio Baptista Mateus e Ulisses José Rafael.

Esteve nesta vila, acompanhada de sua esposa, o sr. capitão António Gonçalves, nosso prezado amigo, assinante e colaborador, residente em Setúbal.

Seguiu, há dias, para Moçambique, no paquete «Luanda», o nosso estimado amigo e assinante, sr. Alfredo Bandeira Rodrigues.

Em casa de seus pais, encontra-se em gozo de férias, nesta vila, o sr. José Vasques Limón da Silva Cavaco.

A passar as férias da Páscoa, encontra-se em casa de seus pais a sr.ª D. Iliete Medeiros Salvador, professora oficial em Giões (Alcoutim), nossa prezada assinante.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o sr. José Pedro do Nascimento Delgado, nosso prezado assinante.

Foi a Lisboa, em viagem de negócios, o sr. eng. João Manuel Gomes Barroso.

Igualmente, foi a Lisboa, em viagem de negócios, o sr. João Folque e Brito.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Esteve nesta vila, por curto prazo, o sr. dr. Luciano Rodrigues Cordeiro, nosso prezado confratão e assinante, em Lisboa.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o sr. Hostílio Bandeira Rosa.

### Nascimento

Em Lisboa, onde reside, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Natércia Calado Correia Risques Pereira, esposa do sr. engenheiro-agrônomo Jorge Falcão Caldeira Risques Pereira, nosso prezado assinante na capital, e filha do nosso estimado amigo e distinto colaborador, sr. Ricardo Lino Correia, gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

Os nossos cumprimentos de felicitações.

## Exposição de Pintura

DEVERÁ expor, no próximo dia 6, na mostra da Casa Gravatinha, o seu último trabalho de pintura, intitulado «Piedade», o sr. António da Encarnação Marques Ribeiro.

## As Câmaras e a Imprensa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mento cabal de uma obrigação comum: a informação. Assim, perderiam os serviços aquele aparente segredo pouco simpático e pouco curial, e perderia o jornal aquele aparente desinteresse bem pouco prestigioso. E seria das raras vezes em que duas perdas dariam lucro vantajoso.

Está hoje à frente do distrito um homem que conhece o que é a Imprensa — tem-na vivido e servido com devoção. Confiemos em que também neste pormenor, que não é de somenos, afinal, a sua acção esclarecedora se faça sentir.

(De «O Distrito de Setúbal»)

## INDIFERENÇA

(INÉDITO)

Não vejo multidões à minha beira  
Quando por elas passo, friamente...  
Haverá algum Mundo que me queira,  
Se o meu olhar passeia vagamente?!

Eu quero o Mundo ver doutra maneira  
Na solidão amarga e indiferente,  
Como o bater das ondas, com cegueira,  
Como a chuva penetra em toda a gente...

O Mundo que nos enche de cansaços,  
Perversos e brutais, é sempre assim?  
Algemas de oiro feitas aos pedaços?

Os fantasmas que vivem dentro em mim,  
Tento matá-los com os meus abraços  
E dar-lhes vida até chegar ao fim!...

NATÉRCIA ALGARVE

## SOLEINIDADES

### Da Semana Santa

#### NESTA VILA

HOJE, domingo de Ramos, iniciar-se-ão as selenidades da Semana Santa nesta vila, pelas 11 horas, com Bênção dos Ramos e distribuição das palmas, missa solene e canto da Paixão.

Às 18 horas, realizar-se-á a tradicional procissão dos Passos, e sermão, ao recolher, pelo rev. dr. Henrique Ferreira da Silva.

(Dias 4, 5 e 6 Abril)

De manhã e de tarde, serviço de confissões como preparação para a comunhão geral de Quinta-feira Santa.

Às 22 horas — Práticas de preparação para a descoberta dos homens, feitas pelo rev. dr. Henrique Ferreira da Silva.

#### QUINTA-FEIRA SANTA

(Dia 7 de Abril)

Às 9,30 horas — Comemoração da Divina Instituição da Sagrada Eucaristia; Missa solene, sermão, comunhão geral e de desobriga dos rapazes e homens.

— Procissão solene da Sagrada Reserva para a adoração dos fiéis.

— Desnudação dos altares.

Turnos de adoradores ao Santíssimo Sacramento.

Às 17 horas — Lava-pés e Sermão do Mandato.

Às 21 horas — Ofício de Trevas.

#### SEXTA-FEIRA SANTA

(Dia 8 de Abril)

Às 9,30 horas — Canto da Paixão e Missa dos Pressantificados.

— Adoração da Cruz e Peditório para a conservação dos Lugares Santos.

— Procissão do Enterro do Senhor, e sermão.

Às 15 horas — Via Sacra.

Às 21 horas — Ofício de Trevas.

Às 22,30 horas — Sermão da Solidade.

#### SÁBADO DE ALELUIA

(Dia 9 de Abril)

Às 9,30 horas — Bênção do lume e Bênção do Círio Pascal.

— Leitura das Profecias, e Bênção da água baptismal.

— Missa Solene.

#### DOMINGO DE PÁScoa

(Dia 10 de Abril)

Às 12 horas — Missa Solene.

### Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

## DESASTRE

### NA PONTE DE CASTRO MARIM

NO passado dia 30 de Março, pelas 24 horas, na ponte que liga esta vila com Castro Marim, deu-se um desastre de que resultou a danificação quase completa do camião L-A-20-25, marca Seddan, conduzido pelo motorista Damião da Conceição Coelho, de 22 anos de idade, solteiro, natural de Patã, freguesia e concelho de Albufeira, e residente no sítio de Vale da Rosa, freguesia de S. Sebastião de Loulé, tendo como ajudante Teodoro do Livramento Belchior, solteiro, de 25 anos de idade, residente na Calçada de D. Ana, em Tavira.

O referido veículo é propriedade do sr. António Ildefonso, de Cachopo e residente na R. 9 de Abril, em Tavira. O carro saíu de Vila Real de Santo António com destino a Lisboa, e conduzia um carregamento de bidões com óleo queimado. Ao entrar na ponte, avariarão-se as luzes, tendo perdido a direcção o que originou ir embater com as guardas da mesma, onde ficou com a cabine encravada e toda destroçada, originando a interrupção do trânsito toda a noite, só na manhã seguinte ficando normalizado, devido à intervenção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, que conseguiram retirar o camião da ponte para a bermada da estrada.

O condutor encontra-se hospitalizado, embora o seu estado não ofereça cuidados, e o ajudante recebeu tratamento de alguns ferimentos recebidos.

A G. N. R., desta Vila, tomou conta da ocorrência. Cobre o risco de seguro a Companhia Comércio e Indústria.

## TIPOGRAFIA MODELO

DE

VIRGÍLIO CORREIA MONTEIRO

TAVIRA

Confecção de todos os serviços gráficos para o Comércio e Indústria.

JORNAIS - RELATÓRIOS  
ESTATUTOS - LIVROS

Carimbos em todos os géneros e entregues com brevidade.

No próprio interesse de V. Ex.ª, deverá consultar sempre os preços da TIPOGRAFIA MODELO

## VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

## ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

### A falta da sardinha na Galiza

Como se sabe, a sardinha abandonou, há alguns anos, a costa galaica e Vigo, que era o maior porto sardineiro do mundo, dar-se-ia hoje por satisfeito se pescasse tanto como nós, aqui na vila pombalina.

Para averiguar as razões estranhas por que o riquíssimo peixe abandonou aquelas águas, vão agora fazer-se ali investigações, ou melhor, pesquisas acerca do paradeiro da sardinha. Para o efeito, encontra-se em Vigo um técnico francês, que está a instalar um aparelho oscilógrafo e de eco-sonda destinado a localizar os cardumes de sardinha.

A propósito e interrogado sobre o desaparecimento dessa espécie, o dr. Buenaventura Andreu, director do Instituto de Investigaciones Pesqueras de Vigo, emitiu a seguinte opinião: «Que a causa primordial não se deve à acção do homem sobre as reservas de sardinha, mas sim que o desaparecimento desta é de ordem hidrográfica e, portanto, alheio à actividade humana, estando ligada a factores climatológicos.

«A crise não é local, de Vigo, pois coincidiu e coincide com as crises americana e asiática, zonas afastadas, em latitude semelhante, e que experimentaram simultaneamente a crise.

E perguntado sobre as causas do desaparecimento, acrescentou:

«Existem três pontos de vista. Primeiro: que a sardinha se tenha deslocado para águas mais afastadas da costa ou mais profundas, sem que isto queira dizer que viva no fundo. Segundo: que estivesse influenciada por um aumento da mortalidade dos alevins, embora a mortalidade da

sardinha, na fase juvenil, seja frequentemente muito elevada. Terceiro: que a sardinha não entre normalmente na ria, como antes, devido, além do aumento da mortalidade, às alterações hidrográficas, que a obrigariam a mudar de ambiente, não entrando assim nas zonas habituais de pesca.

### O que nos comprou a Venezuela

Entre os artigos exportados, o ano passado, do continente para a Venezuela, contaram-se os seguintes, cujos números interessam à economia do Algarve: conservas de peixe, 245.850 quilos; cortiça, 129 286; frutas secas, 1.735, e ossos de choco, 984.

### Farinhas de peixe utilizadas para a alimentação humana

Segundo comunicado da FAO, está a ser levada a cabo, no Chile, uma experiência curiosa sobre o aproveitamento da farinha de peixe para a alimentação humana. Assim, tendo-se conseguido eliminar o cheiro e o sabor a peixe, a farinha foi misturada no fabrico do pão, e fornecido este a crianças das escolas, que não notaram qualquer diferença. A farinha de peixe também foi experimentada, com êxito no fabrico de bolachas e pastéis, e nos vulgares usos culinários, em vez de farinha de trigo.

A F. A. O. propõe que se façam experiências noutros países.

### Indústrias caseiras

Como é possível que algumas pessoas tenham esquecido ou ignorem as facilidades concedidas pela lei à indústria caseira, lembramos que estão isentas de condicionamento industrial, em regime dessa indústria, a conservação em recipientes herméticamente fechados de frutos e produtos hortícolas, excluindo sumos; fabrico de tecidos e artefactos de qualquer fibra, designadamente de cunho regional ou artístico, em teares manuais ou no número máximo de dois teares mecânicos.—J. B.

### TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnico), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES  
Rua Miguel Bombarda, 30  
Vila Real de Santo António

## Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas

### CONCURSO

#### CASAS ECONÓMICAS

Para os devidos efeitos, se publica que está aberto concurso para a distribuição das moradias vagas no Bairro de Casas Económicas de Faro.

As condições de admissão encontram-se afixadas na Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, em Faro, na Câmara Municipal de Faro e na sede da Comissão Distrital da União Nacional.

2.ª Repartição da Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas, em 24 de Março de 1956.

O Chefe da Repartição,  
António Gonçalves Lourenço

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 26 de Março a 1 de Abril:

### Entrados:

L'ORQUE, Marrocos francês, de 72 ton., de Port Lyautey, vazio.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

SÃO MACÁRIO, Português, de 1038 ton., de Lisboa, vazio.

GOLFINHO, rebocador Português, com o batelão «Paredo», de 260 ton., de Lisboa, vazio.

ASTRA, Panamenho, de 1299 ton., de Whitehaven, vazio.

### Saídos:

L'ORQUE, Marrocos francês, com sisal, para Port Lyautey.

EGBERT WAGENBORG, Holandês, para Burriana, vazio.

ALABE, Panamenho, com minério, para Rotterdam.

ZÉ MANEL, COSTEIRO e SÃO MACÁRIO, Portugueses, todos com minério, para Lisboa.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 2 a 8 de Abril, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

## CINE-POZ

Hoje, apresenta um grande filme de amor, *O grande amor de Maria Grever*, com Libertad Lamarque. Um filme que encanta e enternece pela música, e emocionante até às lágrimas pelo drama vivido pela artista, pela mãe e pela esposa dedicada, que foi Maria Grever, o anjo do lar e da música. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Terça-feira, 5, grandioso programa duplo.

*O rebelde aventureiro*, com Errol Flynn e Beatrice Campbell, em ténico.

A Escócia pretende restaurar a coroa dos Stuarts e o senhor de Ballantrae, e promove belicosa rebelião.

*A Venus da praia*, com Virginia Mayo, Eddie Bracken e Ron Reagan.

A história de um pintor de publicidade, que vê materializar-se um sonho inconcebível. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

## CONTA-GOTAS

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

### Fados

A Zita tem o que se chama, em lugar comum jornalístico, um fiozinho de voz agradável. Não se trata, como geralmente, de um fio... de cordel. Não. É mesmo agradável. Pois, senhor! anda a ensaiar-se nos fados e a mãe, muito orgulhosa, diz que vai meter empenhos para a levar à Emissora. Pobre Zita! Pobre Rádio! Pobres de nós!

### Sim, pobres de nós

Por acaso, ao abrir o aparelho saltou-me lá de dentro uma voz de mulher que cantava o fado. E dista, mais ou menos:

«...se me dá uma lambada logo a seguir dá-me um beijo...»

Deitai as mãos à cabeça, horrorizada. Aquela voz entra em todas as casas, é ouvida por todos. Basta desviar levemente um simples botão... Como é possível deixar que a pureza de carácter dos rapazes e raparigas possa ser manchada, prejudicada — e gravemente — por escarinhadores de letras semi-analfabetos, idiotas e anormais?

### Lastimável

Segundo um jornal americano, para se conquistar uma mulher, é preciso: primeiro, um automóvel; segundo, um automóvel; terceiro, um automóvel.

O que é lastimável é que o jornal se tenha esquecido de dizer a que espécie de mulher se referia. O que é lastimável é que os jornais portugueses reproduzam opiniões semelhantes. O que é lastimável é que alguém lhes encontre graça...

Maria Manuela Nunes

Está triste?

A vida ocorre-lhe mal?

X. X. X. A.

«CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa

disposição por 15 dias.

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# UM HOMEM QUE SE CHAMOU Manuel Ramirez

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

vizar os males de uma pessoa que lhe merecia estima e muito respeito. Lembrou-me de que a esta prova de civismo, pois ninguém ousou tocar numa tábua sequer, se juntou a ansiedade pública. E a doença de Manuel Ramirez foi seguida, hora a hora, por todos os nossos conterrâneos, dos mais humildes aos mais categorizados. E grande satisfação sentiram todos, quando se soube que o prestigioso industrial estava salvo. Uma sensação de alívio percorreu toda a vila!

A vedação foi mais tarde levantada; eu e Júlio Verne voltámos a encontrar-nos no ambiente tranquilo da rua solitária. E a vida continuou a sua rotina...

Parece-me dispensável tentar explicar as razões por que viveu horas ansiosas a população da nossa vila, pendente da evolução da doença daquele nosso saudoso conterrâneo. Todos sabem que Manuel Ramirez era profundamente amigo da terra onde nasceu, da terra onde nasceram os seus filhos, e da terra onde dorme o sono tranquilo de que não mais se desperta. Fizeram-se tentativas para ele sair daqui, mas recusou-se sempre. Era na sua terra que se sentia bem, aqui queria viver e aqui queria morrer. E assim foi.

O seu amor a Vila Real de Santo António pode-se documentar pelos benefícios que prestou à assistência e à pobreza, e pode-se documentar também com o magnífico edifício que mandou erguer — o melhor da nossa terra — para nele instalar um hotel. Entendia que a sua vila, uma terra jovem, bonita, fronteiriça, com um futuro promissor, não devia acusar uma lacuna tão grave como era a falta de um hotel. E mandou erguer esse belo edifício no mais lindo sítio de Vila Real, em frente ao rio, para que fosse visto, em toda a sua imponência, pelos que aportassem a esta fronteira de Portugal e pelos mareantes que entrassem no nosso grande rio. Pôs na obra todo o seu carinho e eu via-o muitas vezes passear nos andaimos ou enterrar os pés nos montes de cal e tijolo, que iam sendo utilizados na edificação. E assim nasceu o Grande Hotel Guadiana, que durante muitos anos foi o melhor do sul de Portugal e que gozava justa fama em todo o País. Decorreram anos de prosperidade para o magnífico estabelecimento. Esteve bem entregue e desempenhou a sua utilíssima função dentro do seu tempo.

Depois... tudo evoluiu. O que era bom desactualizou-se. Criaram-se novas exigências de comodidade e de higiene, e deixou de se discutir preço para se discutir conforto. E o hotel começou a decair. Os hóspedes exigentes, que hoje são muitos e cada vez serão

mais, foram afastando-se para casas que ofereciam mais conforto, e a obra com tanto carinho erguida por Manuel Ramirez envelheceu, entrou no período triste da decrepitude.

E é precisamente neste período pouco tranquilizador que se encontra o nosso hotel. Todos se lamentam de não haver nele o conforto que desejam e que podem pagar, e então vão afastando-se como quem se afasta de um amigo já sem préstimos nem atractivos.

Ora, em homenagem e por respeito à memória de um homem que quis entranhadamente à sua terra, que edificou com tanto gosto aquela casa, não para obter fabulosos lucros, de que não carecia, mas para enriquecer a terra que lhe foi berço e que sempre o prezou e respeitou; em homenagem à memória desse homem cujos restos estão ali, na fria e silenciosa comunidade dos que nos deixaram para sempre, mas que vivem na nossa saudade e no nosso carinho; em homenagem, repetimos, à memória de um homem que se chamou Manuel Ramirez, que se impôs pelos seus préstimos, tem que se salvar o hotel — o padrão material que ele deixou à sua terra e que por certo não gostaria que se perdesse. Renove-se todo o interior do edifício, deite-se fora o que já não presta, actualize-se o que está antiquado, e o hotel voltará a ser o que foi noutros tempos — um belo e prestigioso estabelecimento e uma fonte de honesto lucro.

E se tal se fizer, e nada impede que se faça, ter-se-á perpetuado, na lembrança e na gratidão pública, a memória de um homem que amou ciosamente a sua terra, e voltar-se-á a dar a Vila Real de Santo António e ao País aquele hotel categorizado e confortável, imprescindível numa fronteira, que foi o Grande Hotel Guadiana, no tempo em que o seu benemérito construtor o mandou erguer para dignificação da sua terra e do seu país.

E a prova de que ele deixou obra sólida e com projecção no tempo, é que todos, anos decorridos sobre a sua morte, ainda nós lembramos, com saudade, de um homem que se chamou Manuel Ramirez e que continua a «viver» connosco, como era seu desejo — na sua linda terra.

J. B.

## Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. António Montenegro e José Ribeiro, respectivamente, residentes na Póvoa de Varzim e Matosinhos, nossos prezados conterrâneos, por indicação do nosso conterrâneo e assinante sr. Manuel Samúdio.

Também por indicação do nosso assinante sr. Manuel da Silva Rosa, inscrevemos como assinante do nosso jornal o sr. Manuel da Palma Dias, residente em Lisboa.

A todos, os nossos agradecimentos.



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

##### LUSITANO, 1 — S. DOMINGOS, 1

Primeiro tempo: 0-0.  
Campo: «Francisco G. Socorro».  
Árbitro: Lourenço Simões, de Évora.

**Lusitano:** Rodrigues; Gomes e Pescada; Daniel, Natércio e Agostinho; Almeida, Travassos, Antunes, Raimundo e Ramires.

**S. Domingos:** Zarcos; Romão e Lopes; Fernandes, Martins e Teixeira; Rogério Aleixo, Valentim, Brás e Barão.

Lusitano e S. Domingos vêm mantendo particular rivalidade, desde que o primeiro desceu às divisões secundárias, contribuindo para que os seus encontros se revistam de especial interesse, mesmo que do resultado nada haja a concluir quanto a posições na classificação, como foi agora o caso do Lusitano.

Embora no primeiro tempo tivesse pertencido aos visitantes o maior período de iniciativas, não deixaram os locais de ripostar, mantendo neste período as suas redes invioláveis, para recomendar a melhor maneira, alcançando o seu golo no primeiro quarto de hora do segundo, mercê de forte e colocado pontapé de Almeida.

O S. Domingos, acusando o esforço do primeiro tempo, não parecia capaz de modificar o resultado, cedendo com relativa facilidade a tentativas dos locais, que só não aumentaram a vantagem, umas vezes por precipitação na conclusão dos lances, facilitando a missão do último reduto visitante, outras, por falta de sorte. Todavia, num contra-ataque, em conclusão de um centro da esquerda, Valentim, num lance algo confuso, anichou a bola nas balizas do Lusitano, estabelecendo o resultado final.

Este tento originou fortes protestos dos jogadores da casa, que insistiram junto do árbitro para que este consultasse o juiz de linha, no que não foram atendidos; pelo que os protestos recrudesceram, resultando a expulsão de Ramires, Antunes e Agostinho.

E não foram piores as consequências, porque o jogo terminou logo a seguir.

Antes ou depois de transposta a linha de golo, ninguém deixou de ver que houve mão no lance de que resultou o empate, confirmada até pelo próprio marcador, mas talvez à sua maneira, declarando-nos que a bola já tinha ultrapassado o risco, quando roçou pelo seu braço.

O juiz de linha do lado do peão, embora não o declarando ao árbitro, por não lhe ter sido solicitada opinião, confirmou perante os locais a irregularidade do tento.

Não hesitando o sr. Lourenço Simões em validar o golo, apesar dos fortes protestos do público e

dos jogadores da casa, sem ao menos consultar o fiscal já citado, que, certamente, estava em melhor posição para julgar o lance, e pelas proporções que tomaram aqueles protestos, temos de concluir o seguinte: ou o árbitro pretendeu influenciar o resultado, ou não seguiu o lance como melhor lhe convinha.

Porque não está nos nossos princípios aceitar a primeira hipótese, repudiamos-la para julgar a segunda.

Quanto a nós, o único responsável pelas cenas desagradáveis do último domingo foi o próprio árbitro do encontro.

Primeiro, porque tendo absoluta certeza de que não errou, ao confirmar o tento, dava uma satisfação ao público, esclarecendo a dúvida do fiscal de linha.

Segundo, porque, não tendo seguido o lance da melhor maneira, procurava esclarecer-se junto do mesmo fiscal, procedendo depois como melhor convinha.

De todas as formas, a única solução lógica teria sido a de conferenciar com o colega, para acalmar a excitação do público e jogadores.

Não o fazendo e teimando daquela forma, só concorreu para que os ânimos mais se exaltassem, criando no espírito do público, a ideia de que era seu propósito favorecer os visitantes.

Doutra forma, não se compreendia a relutância do sr. Lourenço Simões em consultar um colega, que tal é a categoria de todo o trio de arbitragem, tanto mais que acatou inúmeras intervenções do outro fiscal do lado da bancada, um tal sr. Armando de Sousa, muito conhecido na nossa terra pela sua animosidade ao clube local.

Eis como um pouco de inteligência teria sido útil ao desporto, evitando que clubes com algumas décadas de existência vejam agravados os seus problemas, a ponto de terem muitas vezes que renunciar às provas oficiais.

J. C.

#### Outros resultados:

Silves-Despertar . . . . . 2-1  
S. Faro e Benfica-Moura . . . 1-2

#### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Silves . . . . .	7	5	2	—	18	6
S. Domingos . . . . .	7	5	1	1	24	8
Moura . . . . .	7	8	1	8	14	18
Despertar . . . . .	7	2	2	8	12	14
LUSITANO . . . . .	7	2	1	4	18	12
S. F. Benfica . . . . .	7	—	1	6	7	35

#### Jogos para hoje:

LUSITANO-SILVES  
DESPERTAR-S. F. e BENFICA  
MOURA-S. DOMINGOS

## A visita do Sporting C. de Portugal a Faro

A convite da actual direcção do Farense e aproveitando o interregno do Campeonato Nacional da I Divisão, a direcção do Sporting Clube de Portugal, compreenhivelmente, acedeu ao convite e fez deslocar à capital do Distrito a sua equipa de futebol.

O jogo Farense-Sporting foi o assunto que dominou todos os espíritos, durante a semana. Os adeptos do futebol, que em toda a época frequentam os nossos campos, lutando contra o sol e contra a chuva, até se esqueceram de discutir o custo dos bilhetes.

Isto quer dizer, um pouco, que a nossa população desportiva dá tudo pelo desporto-rei — o futebol. Realmente, Faro, nos últimos dias, transformou-se completamente. De todos os pontos do Algarve vieram a Faro milhares de desportistas e adeptos leoninos, claro.

No campo de S. Luís, à hora do desafio, o aspecto era impressionante. Viam-se bandeiras do Farense, do Sporting, e muita, mesmo muita gente.

Quando foram anunciadas as linhas e que se ouviu: Rita, Caldeira Passos, Lourenço, Juca, Janos, Pompeu, Vasques, Mokuna, Martins, Aparício, etc., — e os nomes de Albano e Travassos não apareceram — muitos lamentaram terem feito a viagem.

Foi, não há dúvida, uma grande jornada desportiva que o Sporting ofereceu com a sua visita.

Quando foi obtido o 3.º golo do Farense, depois do clube local estar a perder por 3-1, e excelentemente marcado por Gralho, o contentamento da multidão não se pode descrever.

Os nossos estimados leitores não podem imaginar, nem sequer fazer uma pequena ideia, do alvoroço e

entusiasmo que houve quando o árbitro deu encontro por terminado.

Digna, diga-se de passagem, a atitude nitidamente desportiva do pessoal da capital. Incitando a sua equipa, de princípio a fim, aplaudindo os seus golos com verdadeira paixão, não deixaram igualmente de ser correctos e verdadeiros desportistas.

A cena mais cativante e mais bela do encontro foi quando Isaurindo, já depois do encontro terminado, levantou os braços, repetidamente, e pediu o incitamento do público farense, e de todos os algarvios, claro.

#### FARENSE, 3 — SPORTING, 3

O encontro de futebol entre a valorosa equipa lisboeta e o Sporting Clube Farense, jogo amistoso e sem interesse, a não ser o de ver em acção os consagrados jogadores nacionais, foi no entanto agradável de seguir, e teve o ambiente próprio. Dir-se-á já ter havido outros encontros em Faro, no meio de maior expectativa. Mas é que esteve presente a melhor equipa de Portugal.

Ao fim de noventa minutos de jogo bem disputado, o Farense arrancou com toda a justiça um empate, e se tivesse ganho também não ficaria mal.

Uma coisa é certa: se o jogo fosse oficial, o resultado teria sido outro, como realmente é lógico, e até bom era que o sorteio para a Taça de Portugal colocasse frente a frente as equipas dos dois clubes para então se ver o desfecho.

Das duas equipas em luta, o Farense foi a melhor. Parecia até ser o Sporting, e estes o Farense. Isto é realmente a pura verdade.

O Farense realizou excelente exibição, e se não ganhou, foi porque

## GRANDIOSO BAILE DE BENEFICÊNCIA

no dia 9 de Abril (Sábado de Alelula)

em Vila Real de Santo António

NO SALÃO NOBRE DA CAPITANIA DO PORTO

(GENTILMENTE CEDIDO)



Este baile terá a colaboração da

«Orquestra BRASIL»  
(de Huelva)

Não deixe de assistir a este baile, cuja receita reverte a favor dos POBRES.

Este conjunto apresentará o internacional vocalista URRETA.

## Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas

### CONCURSO Casas Económicas

Para os devidos efeitos, se publica que está aberto concurso para a distribuição das moradias vagas no Bairro de Casas Económicas de Olhão (Horta da Cavalinha).

As condições de admissão encontram-se afixadas na Delegação do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, em Faro, na Câmara Municipal de Olhão e na sede da Comissão Concelhia da União Nacional.

2.ª Repartição da Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas, em 24 de Março de 1955.

O Chefe da Repartição,  
António Gonçalves Lourenço

## COLUMBOFILIA

### A Comissão Distrital visitou o G. C. Guadiana

REALIZOU-SE, no passado dia 30 de Março, pelas 21,30 horas, na sede do Grupo Columbófilo Guadiana, uma importante reunião de columbófilos, especialmente convocados a pedido da Comissão Distrital de Faro.

Usando da palavra, o sr. dr. Eduardo Mansinho procurou analisar alguns aspectos das razões legais por que as Comissões Distritais elaboram os calendários desportivos. Seguidamente, entrou no mais delicado assunto da noite, exigindo que o presidente do Conselho Técnico do Grupo Columbófilo Guadiana, André Roque, concretizasse as suas afirmações públicas de que o calendário constituía um passo à retaguarda para os columbófilos algarvios. O sr. dr. Mansinho, que por diversas vezes foi interrompido por determinado sector da assistência, terminou dando a palavra ao membro técnico do grupo local.

Falando depois, André Roque respondeu pormenorizadamente, citando os factos, que leu, através dos quais, disse, é possível verificar-se a diferença de critérios nos anos de 1954 e 1955.

Entrou depois no aspecto técnico do calendário elaborado, apresentando aquilo que no seu critério considerava mal feito.

Antes de terminar, afirmou: — Do que escrevi, nada tenho a retirar, nem uma palavra, porque as considero justas e certas. Amanhã, se necessário for, criticarei aquilo que deva ser criticado, assim como elogiarei aquilo que considere justo elogiar. Assumo sempre inteira responsabilidade do que digo.

Em resposta às considerações do presidente do Conselho Técnico do Grupo Columbófilo Guadiana, o sr. dr. Mansinho apresentou algumas das razões por que o calendário fora elaborado dessa forma.

— Temos de nos guiar pelas directrizes da Federação: — Há necessidade absoluta de alterar algumas linhas de voo, intensificando a linha Leste.

— A Comissão não tem verba para fazer acompanhar os pombos por um delegado a soltas, mas está convencido de que são bem tratados nos locais da largada.

Estas foram algumas das noções que pretendeu fixar. Depois, entrou em considerações de outra ordem, dizendo que a Comissão Distrital tem necessidade de que todos prestem a sua melhor colaboração, não ligando importância a influências nefastas.

Como já passava das 2,30 horas da madrugada, terminou dizendo ficar convencido de que, de futuro, tudo correrá pelo melhor, para bem dos Clubes e da Columbofilia.

No final, André Roque pediu ao presidente da Comissão Distrital providências para que alguns columbófilos de Tavira não continuem a falar e a proceder como se estivessem sempre nos segredos dos assuntos da Comissão, difundindo boatos de que ele ou outro qualquer viria a ser castigado.

IN. R.

## VOLEIBOL E BASQUETEBOL

Na secretaria da Glória Futebol Clube, está aberta a inscrição a todos os sócios que desejarem praticar aquelas modalidades.

não tiveram o factor sorte pelo seu lado.

O Farense pode orgulhar-se de ter feito um excelente resultado e juntar este acontecimento à classificação que conseguiu no Nacional da II Divisão.

Estão de parabéns, pois, todos os atletas, dirigentes e associados do Farense.

E agora deixamos esta sugestão: Deviam realizar-se mais encontros amistosos, para o desenvolvimento do nosso futebol algarvio.

#### PINGUE - PONGUE

Está a realizar-se, na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, um torneio de ténis de mesa. Os resultados verificados na última semana foram os seguintes:

Olhanenses A, 5 — Escuteiros, 1. Com esta derrota, os Escuteiros foram eliminados.

Arsenal, 5 — Recreativa A, 0, e Olhanenses B, 5 — Unidos, 1.

Herculano Valente



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

## RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

CONGORISMO PORTUGUÊS

O português—com poucas excepções, na qual entro eu e o meu compadre...—é gongórico por fora e por dentro. Gongórico por dentro, porque onde devia pensar em profundidade, encadeando ideias de sólido travajamento lógico, apenas arma pirotecnias vistosas, mercê das quais se dá a si próprio a impressão de que é rico, quando, afinal, é escandalosamente pobre. Gongórico por fora, porque, em vez de ser, procura parecer. E, levado pela paixão das aparências, é todo ele estrolicamentos na escrita e nas falas, a todo o instante querendo fazer constar que gens est et cavalgare sabet. Esse mesmo desejo de parecer o leva para tudo que sejam resplendores, exterioridades, azulejos, bolas de vidro de diversas cores a rematar clarabóias deslumbrantes, cavaentos com galarós de crista vermelha, o diabo a quatro. Ser discreto não é com ele, não entra no seu programa.

MIMETISMO DE OPINIÕES

Em matéria de opiniões, não devemos ter uma, intus, e outra, extra. A que tivermos em casa será a que temos na rua. A camaleãoice de opiniões—uma para cada assembleia; uma para conservadores, outra para revolucionários; uma para ateus, outra para crentes—revela uma escandalosa invertebrabilidade de carácter. «Honte à celui qui a honte... honte à celui que renierait son Dieu pour ne point faire sourire les gens d'esprit...»—disse Carlos Péguy.

ARTISTA E PERSONALIDADE

Copiar, o que se chama copiar, em arte, é péssimo sistema. Que estudos os artistas criadores, está bem—mas apenas para nos convencerem de que eles são artistas, na medida em que criam por conta própria, sem arremedarem Paulo, Sancho ou Martinho. Quem se mete a copiar, no mundo da arte, acaba sempre por verificar que a cópia lhe fica curta nas mangas. O artista tem que ser ele, ou não é gente; é sombra de gente. O artista, mesmo estudando os outros, deve partir de si mesmo, para si mesmo. Personalidade, eis a palavra própria, insubstituível, única, para caracterizar o artista.

VERDADE E JUSTIÇA

Faltar à verdade é faltar à justiça. Onde só meia-verdade se diz, só meia-justiça se faz. E se a meia-verdade é apenas pseudo-ciência, também a justiça incompleta é injustiça. Importa condicionar a vida à justiça e à verdade. Por amor destas, a desobediência não é crime—mas virtude; é descortesia para os homens—mas é reverência aos princípios.

À VOLTA DA EDUCAÇÃO de adultos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te analfabetismo— a Dinamarca, por exemplo, frisou— há poucos dias um distinto jornalista. De facto, nunca os dinamarqueses se viram em apuros para cavar a terra ou cultivar as batatas. E pode dizer-se o mesmo dos suecos, onde a sua famosa indústria dos relógios jamais prejudicou qualquer espécie de trabalhos agrícolas.

Não. A verdadeira e principal razão do êxodo deve estar, muito ao contrário, na ignorância do rural iletrado, sem aquele conjunto de qualidades cívicas e morais que lhe preparem a defesa contra o espírito cego de aventura. Vejamos, entre outras, a estatística portuguesa da criminalidade, com a terrível percentagem de 70% de analfabetos. Já a este respeito perguntou o sr. dr. Veiga de Macedo se será por «simples acaso» que o fenómeno se verifica. Nunca, sobre tais assuntos, deve parecer exagerada uma boa e intensiva propaganda. Nomeadamente, às Casas do Povo e aos Grêmios da Lavoura importa o desenvolvimento de uma campanha entre as massas rurais, tendente à plena compreensão dos fins em vista com a educação de adultos. Nunca é tarde para aprender e aperfeiçoar as condições da própria vida. Um livro pode muito bem aumentar o rendimento da terra, tornando-se o melhor amigo do nosso espírito e do nosso pão...

Zuzarte de Mendonça Filho

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO II N.º 95  
DOMINGO  
3 - Abril - 1955  
Director  
João A. Dias Pena  
Editor e Proprietário  
Armando R. Cruz

## LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA  
Orientada por N. RODRIGUES PENA

### VAMOS LER ESTES ESCRITORES

## BALZAC

«O Vermelho e o Negro», «Crime e Castigo» ou «A Paixão de Jane Eyre» são três romances que deixam uma impressão inolvidável em quem os lê. Pois bem, experimente o leitor, que os conheça, evocar Julião Sorel, Raskolnikoff ou Jane Eyre, as personagens principais desses três livros. Verá que lhe será inteiramente impossível isolá-las das situações em que as conheceu, isto é, emprestar-lhes uma fisionomia, dar-lhes vida autónoma, trazê-las para o seu círculo de relações, vê-las, enfim, como figuras reais. No seu espírito ficarão sempre como puras ficções literárias. Se fizer o mesmo com Grandet, Vautrin, ou qualquer outras das grandes criações de Balzac, verá que lhe sucede precisamente o contrário. Ao cenário de Saumur ou Paris substituir-se-á, sem o sentir, aquele mesmo ambiente em que o leitor se move, as situações que o autor apresentou, outras se sobrepõem, produto da sua experiência pessoal. Criadas ou entrevistadas há cento e tal anos, num país estranho, ainda hoje aqui as reconhecemos. Trata-se dum fenómeno que se explica pela extraordinária observação do romancista, por um lado, e pela persistência das condições que geraram esses tipos humanos, por outro.

Para muitos críticos de Balzac, grande parte das suas personagens são produtos mais de intuição, do que de observação. Um deles leva mesmo esta crença ao absurdo de afirmar que a obra de Balzac nada deve à observação e de que a realidade não existia para o autor do «Père Goriot». De facto, o tempo necessário à realização de uma obra tão extensa como a «Comédia Humana» (título que Balzac deu ao conjunto dos seus romances), parece excluir a possibilidade de uma observação minuciosa dos tipos e ambientes descritos. No entanto, um grande sociólogo ainda contemporâneo do romancista afirmou um dia: aprendi mais em Balzac, mesmo no que se refere a detalhes económicos (exemplo: a distribuição da propriedade real e pessoal, após a Revolução) do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estadistas profissionais da época, tomados em conjunto. Um outro eminente pensador do século passado apresentava Balzac como modelo a todos os romancistas que se propunham recriar a realidade nas suas obras. O testemunho destes dois homens é extremamente valioso, por terem sido eles os mais profundos conhecedores das condições económico-sociais do seu tempo— as mesmas que Balzac reproduziu e que têm para nós o interesse de serem aquelas em que se formou a estrutura da sociedade em que vivemos. Na verdade, Balzac nasceu quando a burguesia francesa conseguia dominar definitivamente as forças desencadeadas pela Revolução de 89, e ia aproveitar, canalizar as energias despertadas do povo francês no sentido de abater o pre-

domínio económico da Inglaterra. O general Bonaparte ganhava a confiança de um Directório controlado por banqueiros e especuladores, e ia mascarar com o seu extraordinário prestígio pessoal o verdadeiro móbil daquelas campanhas militares, que, durante quinze anos e talvez um pouco contra a vontade dos seus promotores, iam abalar a velha estrutura social europeia. Quando, finalmente, a superioridade económica dos ingleses forçou os financeiros franceses a aceitarem um lugar secundário na direcção do mundo, tinha-se virado uma dessas curvas da história, para além das quais todo o regresso é impossível. Os emigrados e a realeza, que voltavam nas bagagens dos exércitos aliados, vinham encontrar uma França unida, centralizada, estruturada em classes que de ponta a ponta do país reagiam aos mesmos estímulos, ordenada em pirâmides, no vértice da qual se situavam os manipuladores do capital bancário, e na base um proletariado que se ia tornando consciente da sua existência como classe, e uma população camponesa esquecida das divisões artificiais da sociedade feudal. Era uma sociedade nova, completa, evoluindo pelo jogo interno das novas forças e onde essa aristocracia surgia como um anacronismo, deslocada e inútil. A primeira tentativa seria para regressar ao passado viria demonstrar, pelo seu fracasso, que, apesar de certas aparências, o movimento da história é irreversível. Balzac e outros escritores românticos traduziriam nas suas

obras essa sensação de inutilidade, essa incompatibilidade da classe decadente com uma organização que a não incluía nos seus quadros. Felizmente, em Balzac o génio do romancista superou os preconceitos do homem todo voltado para um passado irremediavelmente relegado para a história. Os seus romances tornam-se assim um grandioso fresco, por onde perpassa toda a França burguesa da Revolução e da Restauração. «A Comédia Humana»— descreve um escritor francês— todos os movimentos da vida política e social de 1789 a 1848, a sublevação camponesa, a agitação revolucionária, os esplendores imperiais, o cego e irredutível reaccionarismo da nobreza durante a Restauração. O aparecimento em cena dos potentados financeiros, a ascensão da burguesia, a corrupção política, a importância crescente dos homens de negócios, a decadência da aristocracia fechada na sua nostalgia estéril, o triunfo das aspirações democráticas, o entusiasmo do clero social despertado pela eloquência de Lamennais, os projectos audaciosos do Saint-Simonismo, todos os movimentos, enfim, que sacudiram as classes e modificaram o aspecto da sociedade francesa, apareceram observados e descritos na «Comédia Humana», estudados nas suas causas e nos seus efeitos públicos e privados. A grandeza e a actualidade de Balzac provém desta orientação que imprimiu à sua obra. Foi ele, na verdade, o mais completo e o menos preconceituoso dos historiadores do alvorecer deste século histórico em que vivemos, e o primeiro romancista a compreender que, para além da paixão amorosa, outras forças condicionam a acção e o pensamento dos homens.

Orlando Couto

## MOVIMENTO DE REVISTAS LITERÁRIAS

CONTRARIAR o marasmo e letargia habituais da nossa vida literária, surgem agora algumas iniciativas que parecem insuflar alento a actividades que dir-se-iam esquecidas e abandonadas. No Porto, apareceu há pouco tempo a «Revista do Norte», dirigida pelo sr. Fernando de Araújo Lima, e já se anunciam, no decorrer do ano corrente, mais outra revista, no norte, e duas na capital. Seria demasiado optimismo encarmos essas iniciativas como provas exuberantes da ressurreição das actividades literárias e artísticas no nosso País. Não ignoramos a amarga realidade, que essas publicações se circunscrevem a um reduzido círculo de pessoas iniciadas nos assuntos de literatura e arte, não atingindo, como seria de desejar, o grande público infelizmente impossibilitado de «soletar» os artigos e ensaios que, mormente, versam matéria sem grande utilidade e interesse. Se é certo que o nosso povo não tem sólidas e enraizadas tradições de cultura, cumpre aos escritores do nosso tempo criarem novas condições, proporcionarem os meios capazes

de trazerem camadas mais vastas da população à discussão das coisas que se relacionam com a cultura. Há, principalmente, a necessidade de criar no público o interesse pela cultura. Ora, como condição necessária para o estabelecimento da discussão entre o escritor e o público, é fundamental que esse não esqueça dos problemas que constituem a preocupação dos homens da nossa época. Todas as iniciativas de ordem cultural que ignorem essa realidade estão fatalmente votadas ao insucesso, e pior ainda, à incompreensão, que cavará, mais profundamente, o divórcio entre o artista e a população do País. Para nós, o diálogo entre o escritor e o leitor só se torna válido e útil quando for travado em termos tais que as realidades do nosso tempo não sejam esquecidas ou desprezadas. Não basta falar no nosso amor ao espírito, como habitualmente e levianamente se abusa, mas torna-se imprescindível que o nosso amor ao espírito se justifique por uma conduta prática, por razões mais sérias, embora mais modestas e menos espalhafatosas.

Esperamos que essas revistas literárias publicadas, e a publicar, se compenentrem desta comensinhal verdade, que não há trabalho literário que se possa considerar sério, se não atender às necessidades urgentes duma população que, principiando a balbuciar as coisas de literatura e arte, se veja constringida logo de início a repudiar as moximiñadas que lhe oferecem. E não nos venham a acusar de derrotistas, senhores literatos! E não nos venham dizer depois que o povo é ignorante, refractário à arte, que a nossa gente não tem bossa para compreender as vossas penetrantes e profundas especulações! E que exigência é essa, senhores literatos, que teima a yossa em cortejardes o povo, quando na verdade, vos esqueceis dos seus problemas e da sua vida, e as vossas palavras nada lhe dizem; como é que ainda tendes coragem para protestar contra o desinteresse desse povo, que prefere deixar amarelecer as revistas nos cantos das livrarias?

## A CULTURA DA UVA DE MESA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nosso país entre os fornecedores mundiais de uva de mesa; na verdade, se em 1958, para não irmos mais longe, vendemos 5.127.614 kg., em 1955 não conseguimos colocar mais do que 235.945 kg. E' certo que para esta baixa, que mais significativa se torna, se nos lembrarmos que entrementes a população consumidora aumentou em alguns milhões, muito contribuiu a anormalidade das relações económicas com o Brasil, um dos nossos clientes tradicionais, mas a realidade é que não fomos capazes de forçar outros mercados por falta de matéria-prima com qualidades que permitissem uma concorrência eficaz com os outros países produtores, e essa falta baseia-se, sobretudo, em não utilizarmos boas variedades de uva de mesa.

Vejamos, concretamente, o que se passou durante a campanha de 1954, nos mercados de Hamburgo e Londres, onde a uva portuguesa também concorre.

Durante o mês de Junho, o abastecimento foi feito por pequenas remessas enviadas pela Argentina e África do Sul. Nas três primeiras semanas de Julho, foram as uvas de estufa, originárias da Bélgica e Holanda, que marcaram posição; na última semana, porém, ao lado destas, apareceram os primeiros cachos remetidos da Argélia, Itália, Espanha, Egipto e Chipre. Ocasião ótima, em que a procura é ainda superior à oferta, para a valorização desta fruta. Assim, a Argélia com a variedade Chasselas conseguiu, em Hamburgo, 1.156\$00—1.224\$00 por quintal; em Londres, a Itália, vendendo uva mal amadurecida e pouco açucarada, das castas Regina del Vigneti e Panse Precoce, alcançou 17\$00—15\$50/kg. sem dúvida excelentes, mas inferiores às cotações das boas uvas na ocasião que atingiram preços mais elevados; os frutos da variedade Moscatel, criados nas estufas belgas, venderam-se nada menos do que entre 51\$20 e 76\$80/kg! Da Espanha, chegou a Moscatel de Málaga, ainda verde e ácida, mas que, mesmo assim, iniciou a venda a 46\$70/Kg, baixando para o fim para 11\$58/kg. As Sultaninas do Egipto e do Chipre mereceram preços entre 13\$10 e 7\$82/kg.

A primeira quinzena de Agosto é ainda favorável, embora as quantidades à venda aumentem progressivamente; assim, no mercado alemão e a título de exemplo, a Panse Precoce italiana foi valorizada entre 1.020\$00 e 1.035\$60/ quintal bruto, na primeira semana, e na segunda iniciou a 1.210\$00—1.237\$60/ quintal bruto, para em seguida baixar para 952\$00—965\$60/ quintal bruto. A Chasselas, a Alicante, a Golden Champion, a Regina del Vigneti alcançaram também boas cotações.

No mercado londrino, além destas, apareceram a Zizibbo e a Cardinal, de origem italiana, e a Sultanina do Chipre e do Egipto e a Moscatel de Málaga, de Espanha. Ora neste magnífico período de três semanas a contar de 21 de Julho, nós não apresentámos um só quilo de uva, quando é certo que possuímos condições ecológicas ideais para a cultura de variedades temporãs, nomeadamente na zona de clima mediterrânico do Algarve; ao contrário, entramos já na época em que a concorrência é farta, por estar em pleno desenvolvimento a vindima nos países vitícolas.

As nossas primeiras remessas foram para Hamburgo, entre 21 e 27 de Agosto; a variedade Alphonse Lavallé atingiu 7\$10—74\$80 por caixa de 13,5—14,5 kg (peso bruto), enquanto a Diagalves não mereceu mais do que 59\$50—71\$40 para a mesma quantidade. Em comparação, a uva italiana da variedade Panse Precoce iniciou-se a 78\$80—84\$520/ quintal bruto, e acabou a 584\$80—652\$80/ quintal bruto, ao passo que a Rosahl grega valeu 884\$00—965\$60/ quintal líquido descendo no fim para 666\$40—707\$20/ quintal líquido. E' nesta altura, em que os países meridionais estão em activa exportação e em que a oferta sobreleva a procura, que a qualidade tem importância decisiva. Em Setembro, a concorrência é maior ainda, os mercados vão aumentando as suas exigências; assim, em Hamburgo, entre 18 e 24 deste mês, a nossa Diagalves não ultrapassou 47\$60—56\$10 caixa de 13—14,5 kgs (peso bruto), enquanto a variedade italiana Regina del Vigneti, de todas a preferida, valorizando-se em 557\$60—598\$40/ quintal bruto. A variedade Alicante, vin-

da da Holanda, vendeu-se entre 45\$90—57\$80/caixa de 4 kg de peso líquido. Em Londres, na mesma data, foi a Regina del Vigneti, enviada de Itália, que dominou o mercado, cotando-se entre 7\$80—7\$10/kg.

Julgamos ter chamado a atenção do viticultor para os benefícios que poderá obter duma maior expansão da cultura da uva de mesa, agora que as dificuldades na colocação de vinhos tendem a avolumar-se.

## O PROBLEMA AFLITIVO da falta de casas

na nossa terra

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

superiores a 500 escudos mensais.

Ora, se a escassez de casas é já angustiada, pois a população da vila, devido ao impulso económico dos últimos anos, tem aumentado bastante, que vai passar-se agora com a transferência, já efectuada, das oficinas da C. P. de Faro para Vila Real de Santo António? Onde alojar as famílias, em número apreciável, cujos chefes já trabalham aqui? Onde alojar as outras famílias ferroviárias que ainda para cá vêm, visto as oficinas, ao que parece, terem de ser dotadas com mais pessoal? Sim, como resolver este problema?

Vai dar-se este ano um outro acontecimento de grande importância para o progresso da nossa terra, e que forçará a deslocar para aqui algumas famílias de categoria social. Onde vão elas ser alojadas? No hotel, nas pensões, em casas particulares? Pode recorrer-se a esta medida de emergência, mas só durante algum tempo, porque todos desejam e precisam de ter a sua casa.

Como remediar este mal? Parece que a iniciativa particular tem a palavra, pois não se compreende que sejam forçadas a vir para aqui pessoas que têm cá os seus afazeres, e não se lhes proporcione casa para viverem. Além de que, parecendo-nos, o problema da construção está a ser visto com olhos míopes pelos capitalistas locais. Cremos que abrindo um pouco mais os olhos, verão as coisas com singular claridade. Pelo menos, assim o viu já um conterrâneo nosso, residente em Lisboa, que acabou de adquirir terreno, à entrada da vila, para a edificação de um prédio de rendimento, de rés-do-chão e primeiro andar, para quatro inquilinos.

Há quem argumente, os «argutos» locais, que a construção aqui é cara. Esquecem-se os espertos de que um metro quadrado de terreno em Lisboa, custa vinte, cinquenta, cem, mil vezes mais do que custa aqui e, no entanto, há lá casas novas, com todas as comodidades, a pouco mais de 600 escudos. E a verdade é que os seus construtores, mal acabam um prédio, deitam logo mão a outro. Inconvenientes de não virem beber nos mananciais da espedeiza cá da terra...

Enfim, venha mais gente de Lisboa, ou lá vivendo, construir na vila pombalina! Porque na terra dos cegos...

## PRIMAVERA

Canta o cuco nos ulmeiros do rio  
Um céu de núvens  
Chove muito brando  
Por quanto tempo ainda?  
Por quanto tempo? Quando?  
virás alegre e ligeira  
cantando ao desafio,  
cumprir a tua geira?  
Canta o cuco nos ulmeiros do rio  
noivaram as urzeiras na montanha,  
doiraram as giestas.  
Por quanto tempo ainda?  
Por quanto tempo? Quando  
irás cantando, alegre e domingueira  
ao sol da estrada, no calor das festas?

JOÃO NEVES